



ECOESPIRITUALIDADE: UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA O PENSAR¹

ECO-SPIRITUALITY: A PEDAGOGICAL POSSIBILITY TO THINK ABOUT IT

Celso Samir Guielcer de For²

Resumo:

O texto tem a pretensão de realizar uma reflexão, de cunho teológico/filosófico e pedagógico, sobre a ecologia humana. Com isso se utilizou de uma revisão bibliográfica para esclarecer práticas realizadas pelo autor. Então, esta análise tem como objetivo pensar uma proposta para ações práticas, ou praticáveis dentro do universo docente. Esta proposta terá como objetivo principal a análise do mundo e a crise ecológica, para com isso falarmos da sociedade e, então, chegarmos ao mundo subjetivo. Pois, temos nele como resultado a possibilidade de mudança e é onde se encontra a esperança e a experiência da religião.

Palavras-chave: Ecologia; Sociedade; Consciência; Subjetividade; Esperança e Fé.

Abstract:

This text have as objective realize an reflection, of steam theological/philosophical and pedagogical, about the human ecology. Therewith if used of a Literature review to clarify practices carried out for the author. So, this reflection pretend think an proposal for action practices, or practicable inside the teacher universes. This proposal have as initial point the analyze world and ecological crisis, for speak of Society and, so, we arrived to subjective world. For in him we found a possibility of change, and is at where the hope and the religion of experience.

Keywords: Ecology; Society; Consciousness; Subjectivity; Hope and Faith.

Introdução

As experiências das dimensões da realidade sempre trazem consigo sofrimentos e dificuldades referentes ao convívio humano, como também alegrias. Neste sentido, faz-se necessário apresentar esta dinâmica da natureza como sendo uma condição humana, pois não somos separados desta. E com isto demonstrar, como a possibilidade de toda e qualquer argumentação, a transformação do humano em humano, sendo isto feito através do exercício de si mesmo, a chamada autorrealização.

A grande intenção do texto é revelar como podemos compreender este mundo que nos cerca sem torná-lo um objeto intransponível, incompreensível e distante. E como podemos compreender a nós mesmos através da natureza em um grande processo de encontro, de acolhimento e hospitalidade. A ideia aqui é mostrar como podemos aproximar humanos da

¹ Enviado em: 08.04.2019. Aceito em: 25.05.2020.

² Celso Samir Guielcer de For. Mestre em Filosofia da educação; pós-graduado em informática aplicada a educação; licenciado em filosofia; história e sociologia. Faculdade Fátima. Caxias do sul, RS. E-mail: socratesfor@yahoo.com.br

natureza e a natureza da humanidade em um grande processo de autorrealização³. Com isso precisamos resgatar um elemento fundamental da nossa própria ordem e compreensão que é própria humanidade. A ecologia, é, pois, uma forma de ação prática que visualiza a possibilidade de reconciliação do humano com o humano. Fica, todavia, a pergunta: Como podemos fazer isso?

Refletir sobre o significado de ecologia

A primeira noção que precisamos compreender tem a ver com o significado de ecologia em seu contexto multidisciplinar. É assim que compreenderemos o sentido revelador da subjetividade humana. A ecologia se encontra ligada a duas palavras que são habitualmente utilizadas para descortinar com mais desenvoltura o seu significado: casa, que vem do grego Eco/oikos e a palavra logia/logos que significa, fundamentalmente, um estudo sistemático e racional sobre um determinado assunto, no caso, sobre a nossa casa. É claro que a casa em questão é mais uma metáfora para representar esta noção do espírito da época, e porque não do espírito de cada indivíduo. O que significa dizer que podemos ter uma ecologia para cada situação. Uma ecologia ambiental, social, econômica⁴.

Quando o biólogo Jakob Von Uexküll (1864-1944)⁵ se utiliza do termo pela primeira vez ainda não existia a noção do que estava criando. Hoje, o termo não está restrito às questões biológicas, florestais e até ambientais como no início. A compreensão que se tem de ecologia ultrapassa os limites e as barreiras ambientais. Revela uma dinâmica estrutural na construção da realidade. Esta dinâmica se dá na relação entre campos de pesquisa, da interação com formas de análise e de paradigmas de compreensão da realidade. Importa salientar que hoje temos uma ecologia que possibilita uma grande integração, inclusive, com a possibilidade de descobrir questões correlatas às subjetividades. Assim, a ecologia também ultrapassa certos limites conceituais e chega às fronteiras daquilo que enuncia como ambientalismo.

A singularidade do saber ambiental consiste na transversalidade, quer dizer, no relacionar pelos lados (comunidade ecológica), para frente (futuro) e para trás (passado) e para dentro (complexidade), todas as experiências e forma de compreensão como complementares e úteis no nosso conhecimento do universo, nossa funcionalidade dentro dele e na solidariedade cósmica que nos une a todos.⁶

Além de ser uma ciência das relações ela nos permite visualizar uma crise que se abate sobre os seres humanos. Uma crise que se ramifica em diferentes estruturas, podendo atingir inclusive as ciências complexas. O que temos neste ínterim é o desdobramento de uma crise que se propaga sobre a terra e, desta forma, afeta os diferentes âmbitos e ramificações da interação humana.

³ O conceito de autorrealização é elaboração de si em um dado momento. É o processo de construção de minha humanidade. Isto dentro dos elementos que ela prevê como, por exemplo, a questão da descoberta da subjetividade, da objetividade e da intersubjetividade. Conforme Vaz, Henrique C. L. Antropologia Filosófica: II.

⁴ Ver texto de “Ecologia: Vida ou morte?” de J.B. Libanio, 2010. Este texto tem o objetivo de mostrar as relações do tema em sua relação com a complexidade da vida.

⁵ Da primeira vez em que foi usado o problema principal se referia a construção de uma gestão do meio ambiente. Buscava-se uma espécie de inventário sobre a quantidade de árvores cortadas, como e de que forma este aspecto afetaria as pessoas no futuro. Tanto pela questão de planejamento e uso da madeira, quanto pela questão social e pela qualidade de vida. Ver texto “Sustentabilidade: o que é? – O que não é?” Leonardo Boff.

⁶ BOFF, Leonardo. *Opção Terra: A solução para a terra não cai do céu*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Deste procedimento resulta o holismo (hólos em grego significa totalidade). Ele não significa a soma dos saberes ou das várias perspectivas de análise. Isso seria uma quantidade e um somatório. Ele traduz a captação da totalidade orgânica da realidade e do saber sobre esta totalidade. Isso representa uma qualidade nova, um olhar sobre o todo.⁷

A ecologia ambiental: a evidência na construção de uma comunidade da vida.

A ecologia ambiental é, pois, uma das formas mais explícitas que temos de observar o que seja a crise ecológica. Fala-se em efeito estufa, por exemplo, onde a concentração do dióxido de carbono na atmosfera assume proporções tão grandes que a iniciativa de redução das partes por milhões de dióxido para 450ppm. Este coeficiente é o dobro de dióxido que existia antes da revolução industrial.⁸ Segundo Lovelock⁹, quando atingirmos 500 ppm a temperatura da Terra pode atingir um ponto crucial de forma a acabar com a biodiversidade e com a vida humana. Segundo Leonardo Boff, a Amazônia seria transformada em uma savana. E, se nada for feito, em 40 anos, podemos atingir os 500ppm.

Não devemos presumir que Gaia conseguirá manter as condições ideais para os seres humanos se continuarmos com as práticas atuais. De fato, humanidade pode se destruir e devastar um número de espécies no processo se não acordar para o fato de que é parte de um grande todo; um todo com o qual devemos trabalhar em cooperação se quisermos continuar a florescer neste planeta.¹⁰

Para ultrapassarmos este risco precisamos compreender que a natureza está em nós. Segundo Boff 2009, não se trata somente de falarmos sobre as muitas formas de vida que estão colocadas em diferentes extensões territoriais, nos biomas, mas também de percebermos que pertencemos a estas formas de vida, que estas formas de vida podem nos alimentar, que bebemos água e dependemos exclusivamente daquele bioma. Assim em primeiro lugar precisamos entender que somos natureza nada está aí por acaso. Esta mútua dependência nos coloca na necessidade de sentirmos a importância que o meio ambiente tem para nossa vida. Ou seja, não é uma questão de escolha ou de excentricidade, e sim uma questão de necessidade.

O que é preciso entender são as características da unidade complexa: um sistema é uma unidade global, não elementar, já que ele é formado por partes diversas inter-relacionadas...Mesmo entre os sistemas, raros são os que introduziram a complexidade na definição do sistema.¹¹

Em segundo lugar, conforme Leonardo Boff, precisamos olhar diferente para natureza na medida em que nos encontramos em uma relação com ela, em unidade, sendo parte integrante do bioma e dependendo dele para a sobrevivência.

Nós somos Terra. Terra que sente, que pensa, que ama, que cuida e que venera. Qual o problema atual? O problema é o da regulação normal da Terra está falhando e que ela está

⁷ BOFF, 2009, p. 102.

⁸ Dados retirados do livro "Opção Terra: A solução para a Terra não cai do céu."

⁹ Cientista idealizador da hipótese Gaia.

¹⁰ BOFF, 2012, p. 372

¹¹ MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. Tradução de Ilna Heineberg. Porto Alegre Sulina, 2013. p. 166.

se aproximando do estado crítico, podendo entrar em um processo de caos e colocar toda a vida sob risco.¹²

Com este grande desafio - o da regulação da Terra – e seu estado crítico podendo levar a vida a um estado crítico também, encontramos não somente um sinal de alerta, e, sim, a indicação do rompimento das necessidades básicas para o desenvolvimento da existência. Estamos falando na extinção da biosfera. E este limite, com o dióxido, metano e outros gases do efeito estufa, tornando a vida na Terra insuportável. Isto significa que haverá um clima tão quente em algumas regiões do planeta, em especial na linha do equador, em que a produção de alimentos poderá ser reduzida a 30% do que era feita anteriormente. E este calor pode, em virtude do derretimento das calotas polares, fazer o nível do mar subir inutilizando o plantio nestas áreas. A consequência imediata é a migração de contingentes inteiros para áreas que eram naturalmente mais frias.¹³

Assim o planeta poderá nos expulsar como um organismo expulsa uma bactéria ou um vírus indesejado. Porém, importa salientar que o momento é de revermos nossas ações e compreensões. A maior dificuldade está em perceber a unidade complexa que existe sobre o conceito de natureza. Somos educados a pensar que não há relação entre as partes e que cada parte age de forma autônoma e que se regula. Assim, o problema assinalado na ideia de construção de uma comunidade, ou na refutação da mesma ideia, está na incompreensão de uma questão primordial: Somos inter-retro-relacionados¹⁴. Nossa subjetividade nasce na experiência de si no mundo. O desafio recorrente é perceber como natureza e a necessidade da natureza passa por uma revisão de nossas atitudes. E, acima de tudo, cuidar e resgatar a importância dos ecossistemas. Nossa atitude deve ser de resgate e assim podemos avançar além da crise, além do problema que vivemos.

A consequência social da ecologia – a ecologia social uma nova esperança.

A ideia desta ecologia é mapear consequências imediatas da relação homem e ambiente e apontar possíveis soluções para o andamento da situação produtiva no mundo. A ecologia social se torna um alerta para as nossas relações sociais e institucionais. Aqui não se trata apenas de falar de injustiças, mas também falar das crises que enfrentamos. Quando falamos na diminuição na produção de alimentos sabemos que, na história do pensamento, existem teses que falam acerca¹⁵. Porém a ideia agora se refere ao problema de como a Terra vai diminuir a sua cooperação.

Notamos que a mesma lógica que leva a explorar as pessoas, as classes sociais, os países e os continentes leva também a explorar a natureza. A própria Terra foi transformada numa banca de negócios. ...Mesmo coma religião e com a caridade se faz comércio e se ganha dinheiro.¹⁶

Desta forma, aqueles que sobrevivem de uma agricultura de subsistência ou familiar, sofrerão as primeiras consequências com a diminuição ou nulidade de produção. Trata-se de um problema presente nas discussões sobre a viabilidade do uso de sementes transgênicas no plantio

¹² BOFF, 2009, p. 106.

¹³ Ver texto sobre geomorfologia – a criação da Amazônia e a especialização do clima na América central Revista Scientific American de 2008. Relata uma das transformações mais fundamentais para o desenvolvimento da biosfera. Contudo, esta transformação é resultado natural da ação da Terra. E não consequência da erosão antrópica.

¹⁴ MORIN, 2009, p. 16.

¹⁵ Por exemplo, a teoria de T. Malthus.

¹⁶ BOFF, 2009, p. 109

de algumas monoculturas de exportação¹⁷. Importa reconhecer que aqueles que adotaram esta modalidade tiveram muitos problemas. Assim, a injustiça social aparece nas mais profundas desigualdades, fazendo com que a corda arrebente sempre no lado mais fraco. Não podemos esquecer também da quantidade enorme de pessoas que passam fome ou das crianças que morrem de inanição ou de doenças derivadas da fome.

As desigualdades surgem, sobretudo, pela má distribuição de renda. Conforme Leonardo Boff, 5% da população mundial tem em mãos 65% da renda mundial. Esta dificuldade na distribuição cria uma situação irregular na construção de uma sociedade mais solidária e igualitária. O capitalismo, portanto, é um problema? Trata-se de um questionamento que pode ser respondido de forma afirmativa, mas, também, de maneira negativa. Ele apenas é sistema que pode ser transformado e adaptado para uma maior harmonia e equidade das relações humanas.

No imaginário dos fundadores desse tipo de sociedade, chamada moderna, o crescimento e o desenvolvimento eram reféns da ideia de progresso sem fim e com a disponibilidade permanente de recursos...O mais grave é que esse tipo de sociedade produz dois tipos de injustiça: social e ecológica.¹⁸

Segundo Boff, estudos realizados por pesquisadores da universidade de Campinas, por exemplo, comprovaram que bastou o aumento de apenas um grau na temperatura para as flores do café, em São Paulo e no sudeste de Minas Gerais, começarem a cair. Nesta mesma época a Embrapa, órgão governamental de pesquisa e fomento, mostrou o mesmo com a produção de milho e feijão. Trata-se, pois, de um problema que necessita de atenção por se tratar de uma questão que dificulta ainda mais a nossa humanidade e convivência. É claro que isso acontece por ter como base as três crises que estamos passando. A crise moral que põe em xeque certos valores e nossa forma de viver, que nos coloca diante do desafio da retomada de alguns parâmetros mesmo que sempre estejamos às voltas com os meandros de um exacerbado niilismo.

A crise ecológica é uma das mais evidentes, pois coloca em xeque a nossa forma de viver e a relação com o capitalismo. Esta forma exploratória do meio ambiente. É preciso destacar ainda que a sociedade atual também se encontra intimamente ligada a crise do conhecimento, entre outros fatores, por conta desta onda “fake” que vem provando que os indivíduos tendem a “esquecer” os fatos e as referências à verdade e sua fundamentação científica. Nos interpelamos, em grande medida, pelas aparências. E assim construímos uma consciência¹⁹ difusa, fragmentada e sem grandes fundamentos.

Desta forma o indicado é um desenvolvimento sustentável.²⁰ Postulando um resgate da forma originária de tratar com a Terra. Uma reinvenção deste comportamento, buscando uma maior resiliência. E assim, através da resiliência, voltarmos a uma relação de cuidado, respeitando culturas e hábitos. Desenvolver um modo de vida sustentável, de vida em todos os lugares e nas mais diferentes culturas. Neste sentido, é primordial uma análise deste comportamento de forma mais detalhada na perspectiva de uma nova ecologia que seja capaz de descrever como acontece este comportamento e suas possíveis mudanças.

¹⁷ Mas além de criarmos mais um monopólio, construímos um risco econômico para os países em desenvolvimento que buscam esta saída. Alguns países africanos ainda sofrem com as consequências destes tipos de exploração.

¹⁸ BOFF, 2009, p. 109.

¹⁹ Não podemos esquecer que a alienação afeta a consciência de tal forma que o alienado não se sabe a alienado e nem se pergunta se está alienado.

²⁰ Não podemos esquecer os três princípios para o desenvolvimento sustentável.

A ecologia mental - um problema cultural

Temos como característica a possibilidade de mapear a forma como são construídas nossas mentalidades. Conforme aquilo que preconiza Leonardo Boff, a ecologia mental, considera o imaginário existente, os valores e as visões de mundo que as sociedades projetam. Até, por isso, Einstein teria dito que era mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito. Este modelo de ecologia visa registrar a forma ou o imaginário que organiza a relação com a sociedade e a natureza. Este elemento formador da capacidade subjetiva revela ainda a possibilidade de enfrentar os obstáculos que são naturais ao processo formador da capacidade reflexiva. Um processo que precisa ser, acima de tudo, libertário. Então, esta ecologia enfrenta alguns obstáculos sérios sobre a formação do pensamento. Conforme Boff, o primeiro obstáculo é a falta de conhecimento, a ignorância com relação aos estragos que produzimos na Terra com nossa visão reducionista do mundo. Aqui retomamos a crise que mencionamos anteriormente e que assola, praticamente, nosso pensamento e nosso jeito de ser neste mundo.

O segundo obstáculo é o nosso antropocentrismo. Imaginamos que o ser humano é o centro e que a sociedade foi construída e moldada em função desta perspectiva. Uma sociedade que se encontra fundamentada a partir de uma lógica antropocêntrica, mas, que, esquece que somos parte de um longo percurso. Com isso, esquecemos, por extensão, da nossa missão ética em relação ao jardim do éden e da proposta de sermos cuidadores. O terceiro obstáculo se refere ao nosso racionalismo e a falta de sensibilidade e de compaixão. Esta mesma insensibilidade e falta de compaixão, norteia nossos pensamentos e atitudes na sociedade e redundam na construção de ações contra a aquilo que chamamos de “natureza”.

O quarto obstáculo se refere a um individualismo cultural. Em outras palavras, apreendemos a ser individualista de forma a instituir certa cultura que se propaga para esta sociedade e as vindouras. Somos ensinados, também nas escolas, acerca da competição e não tanto da cooperação. Bem sabemos que o problema da competição é que todos querem ganhar, mas apenas alguns poucos conseguem atingir este propósito.

O quinto obstáculo se refere a compreensão das relações sociais como competitivas, quando temos o exemplo da própria natureza onde tudo interage a partir da cooperação. Este é a grande questão, não aprendemos a unidade, integração nem a cooperatividade nos percursos da jornada humana. Por fim, o sexto obstáculo está na visão consumista que temos. Não é um problema o “consumir”, mas a maneira como este processo acontece. Somos chamados a ser os guardiões dos demais seres, os cultivadores do jardim do éden. Portanto, temos uma missão ética de preservação e de cuidado. Cabe, pois, reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua relação com os seres humanos²¹.

Conforme detalhado por Boff, algumas soluções são possíveis: a 1) se refere ao desenvolvimento de certa sensibilidade para com a vida; 2) desenvolver uma postura de cuidado e preservação; 3) assumir nossa responsabilidade com relação ao que está ao nosso redor, a vida; 4) desenvolvimento da cooperatividade e da solidariedade como hábitos e não meros comportamentos; 5) desenvolver nossa mente com espiritualidade. Esta não está identificada com a questão da religião, mas aqui se trata mais de buscar uma integração com o todo. Com isso podemos perceber que há um indicativo de liberdade enquanto possibilidade para o resgate da identidade fundamental, a própria humanidade.

²¹ BOFF, 2009, p. 115.

Ecologia integral ou ecoespiritualidade

O argumento importante posto até aqui é o da relação entre todas as esferas da ecologia. Por isso, esta relação com o todo tem que ser entendida como exercício de uma integralidade, de uma visão holística do que se encontra ao nosso redor. O nosso vínculo é com a comunidade da vida. E esta espiritualidade é uma reconexão, profunda com o todo. Cabe-nos assumir uma posição fundamental no cosmo como parte integrante e, com isso, fortalecer os meios necessários para a consolidação de pessoas diferentes, melhores, seres humanos dotados de consciência ética e compaixão. Esta espiritualidade não tem relação com uma Igreja, mas, com a forma que encaramos esta totalidade tão intensa e profunda que acaba nos mostrando uma realidade diferente.

O universo é relacional porque foi criado à imagem e semelhança de Deus-relação...O número três funciona como símbolo e arquétipo para representar esta inter-retro-relação de todas as Pessoas entre si.²²

A espiritualidade que busca esta visão holística mostra como a natureza revela uma noção de Deus. A própria fé medieval, com Francisco, demonstra que a importância desta vida e a fé que nos movimenta em direção a uma realidade diferente que podemos chamar de Deus, que é movimento e integralidade. Que é fonte da vida e vida ao mesmo tempo. Não se trata de uma religião institucionalizada que deveria mostrar como a revelação de Deus acontece na nossa vida ou para que a espiritualidade aconteça. Trata-se mais de nos permitirmos um encontro conosco que permita experimentar este profundo amor que vive em nós. Esta espiritualidade é mais uma educação do olhar para a integralidade e não para alguma parte apenas. É o resgate da vivência com a natureza que mostra um todo. Somos assim a terra que sente, pensa, ama e celebra. Como diz a palavra bíblica revelada no livro do Gênesis 1:26-27: Somos a imagem e semelhança de Deus.

Esta ecoespiritualidade trata da integralidade dos sujeitos e o seu lugar no cosmos. Por tratar da ancestralidade que temos em comunidade, repercute uma dimensão daquilo que vivemos e aprendemos no decorrer da vida. A comunidade da vida que nos ensina o respeito, a tolerância e paz. E, acima de tudo, algo que busca acentuar o desafio de enxergar e não obscurecer a visão. Uma espiritualidade que respeita e nos ensina a respeitar a vida. Por isso, somos a terra que sente, pensa, ama e celebra.

Considerações finais

A nossa construção vem sendo elaborada a partir de proposta de ecologia como forma de resgate da humanidade enquanto subjetividade, através do exercício docente de autodescoberta. E esta se torna uma forma pedagógica para podemos pensar a nós mesmos em um caminho de fé. A primeira ideia descortinada nesta abordagem foi de uma ecologia capaz de adentrar nos diferentes âmbitos das ciências e das nossas formas de vida. Depois, como segunda ideia, esta ecologia postulou apresentar as repercussões acerca das crises. Neste sentido, mesmo que se pudesse pensar a crise de três formas distintas, a saber: a ecológica, moral e cognitiva, enunciou-se que seria por meio de uma ecologia ambiental que o problema poderia ser colocado em maior evidência e visibilidade, sobretudo, por conta das mudanças de temperatura e de outras disputas e problemas, em geral, sem amparo científico.

²² BOFF, 2009, p. 121.

A terceira ideia desenvolvida em nossa abordagem foi acerca de uma ecologia social que pudesse repensar as crises em suas singularidades. Com todos os problemas e novas situações demandadas na sociedade do consumo, vislumbrou-se o desafio de que estas pudessem suscitar novos modelos de vida. Partiu-se de uma formulação sublinhada por duas formas básicas de injustiças que precisariam ser conhecidas e mencionadas. Algo que tem a ver, entretanto, com problemas sociais, mas, também, permeado pela situação cultural das sociedades globais a partir de certas singularidades.

A quarta ideia proposta nesta explanação, foi a de uma ecologia mental. A ideia de uma formação e transformação de nossas mentalidades. A construção de algo que pudesse ser vislumbrado como maior ou que conseguisse transcender aos problemas mais imediatos da violência ou a falta de tolerância. Trata-se de uma ecologia que ataca as idiosincrasias, os individualismos e as fragmentações que assolam o espírito humano em nossa época. Postular como objetivo o fato de evidenciar as dificuldades que temos enquanto seres humanos de nos tornarmos, efetivamente, humanos.

A ideia de síntese seria a de uma espiritualidade capaz de reconectar diferentes possibilidades e entendimentos. Propor, de forma clara, a volta de um compromisso com a solidariedade em sintonia com o mundo, com as ancestralidades e com a fonte de toda a vida que nos cerca. Esta espiritualidade teria a capacidade de nos resgatar de um mundo cheio de desesperanças e devolvermos o sonho, a utopia e a fé.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Virtudes para o mundo possível*. Vol I: Hospitalidade: direitos e deveres de todos. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para o mundo possível*. Vol II: Convivência: respeito e tolerância. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para o mundo possível*. Vol III: Comer e beber juntos e viver em Paz. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra grito dos pobres*. Rio de Janeiro: sextante, 2004.
- BOFF, Leonardo. *Opção Terra: a solução para a terra não cai do céu*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é? – O que não é?*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Ética e ecoespiritualidade*. Rio de Janeiro: sextante, 2003.
- LIBANEO, J.B. *Ecologia: vida ou morte?* São Paulo: Paulus, 2010.
- MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. Trad. Ilna Heineberg. Porto Alegre Sulinas, 2013, pg. 166. 2013.
- MOLTMANN, Jürgem. *Teologia da esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. Trad.: Helmuth A. Simon, São Paulo: Loyola, 2005.
- RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé: introdução a conceito de cristianismo*. Trad.: Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989.

SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Trad.: Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SUNG, Jung Mo. *Deus numa Economia sem coração: Pobreza e neoliberalismo – um desafio à evangelização*. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 1992.

ZILLES, Urbano. *Antropologia Teológica*. São Paulo: Paulus, 2011.